

Entrevista realizada com Gustavo Luis Gutierrez

Camila Lopes Ferreira
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba - Paraná – Brasil
clferreira@utfpr.edu.br

Luiz Alberto Pilatti
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Curitiba - Paraná – Brasil
lapilatti@utfpr.edu.br

Gustavo Luis Gutierrez é graduado em Administração de Empresas, com mestrado em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), doutor em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) (Organizações e Recursos Humanos). Livre Docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) (Campus Marília) e, atualmente, é professor Titular do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Publica, principalmente, nas áreas de metodologia de pesquisa, lazer e qualidade de vida.

Ressalta-se que foi mantida a entrevista na íntegra, visando preservar a originalidade do depoimento gentilmente oferecido pelo entrevistado, o qual agradecemos enormemente de antemão.

1. O senhor poderia contar um pouco acerca de sua trajetória acadêmica, com formação sólida na área de Ciências Sociais Aplicadas, e atuação profissional na área de Educação Física, onde a Qualidade de Vida (QV) ganha destaque na sua produção?

Então, na verdade eu sempre tive vocação acadêmica, sempre gostei muito de ler, principalmente questões relacionadas com história, ciências sociais e filosofia. A situação econômica familiar, contudo, me obrigou a trabalhar desde bastante jovem, fiz a faculdade de administração à noite, e o mestrado em política também, trabalhando durante o dia.

As opções foram as possíveis, meu tema de interesse sempre foi a autogestão e as formas participativas de organização do trabalho. Essa disciplina não existe em nenhum curso, assim eu sempre estive fazendo pontes entre essa temática e outras áreas, como sociologia do trabalho, administração universitária, lazer e agora, a questão da qualidade de vida, mais especificamente qualidade de vida e trabalho.

2. Nos Fóruns Permanentes e Interdisciplinares em Saúde, realizados na UNICAMP, entre 2004 e 2011, a temática QV foi colocada em discussão, e dos mesmos foram produzidos oito livros. Gostaria que o senhor comentasse sobre a experiência, o avanço do conhecimento produzido e os motivos da não continuidade do evento.

Eu acredito que o avanço foi significativo, os livros estão disponíveis com acesso livre no site da FEF e ilustram uma importante diversidade e riqueza de discussões sobre o tema. Acho que, além da duração da experiência, cabe destacar a diversidade de abordagens, a liberdade que todos os colaboradores puderam desfrutar, sem amarras formais, temáticas ou epistemológicas, e a possibilidade de debater com setores mais amplos da sociedade.

O evento parou de ser realizado, essencialmente, em função do desgaste das relações pessoais e institucionais, natural da vida acadêmica. Mas é algo que pode ser retomado, talvez com algumas modificações, como um uso maior das mídias eletrônicas e formas mais ágeis de participação das pessoas interessadas.

3. Num dos livros produzidos durante os fóruns, Qualidade de Vida e Novas Tecnologias, abriu-se uma discussão importante e atual sobre as transformações que a tecnologia determinou aos homens. Num cenário de pós-modernidade, gostaria que o senhor falasse sobre a influência do trabalho, permeado por esse cenário de transformações, na qualidade de vida dos trabalhadores.

Pois é, esse é um bom exemplo de como coisas que, a princípio, parecem fáceis se tornam difíceis mais pra frente. Foi um dos últimos fóruns e o tema parecia instigante. A questão da qualidade de vida já estava mais amadurecida e a discussão sobre tecnologia tem uma longa tradição no campo das ciências sociais, passando pela Escola de Frankfurt, autores como Marcuse e, no caso brasileiro, Ramón Moreira Garcia.

O que eu não tinha percebido é que, embora a questão tecnologia esteja muito presente nos meios de comunicações de massas e no próprio cotidiano das pessoas, sua abordagem como objeto sistemático de pesquisa foi diminuindo desde o final dos anos noventa. Subsiste uma reflexão mais fosfórica sobre as mudanças tecnológicas e o sentido da vida ou a construção da identidade, mas a dimensão mais concreta, de qual o impacto específico de uma inovação tecnológica determinada raramente é abordado.

E aí encontramos uma grande dificuldade, porque a discussão sobre QV não é abstrata, pode até ter uma dimensão subjetiva, mas ela dialoga com a realidade concreta das pessoas e sua percepção mais ou menos direta.

Eu tenho a impressão que a própria velocidade com que as inovações surgem e desaparecem torna difícil a sua apreensão pela academia, com seu ritmo próprio de produção do conhecimento. Ou seja, eu tenho a impressão que a relação entre QV, trabalho e transformações tecnológicas é um dos vários temas nebulosos da realidade contemporânea.

Neste sentido, e a título de especulação, proporia alguns aspectos para serem pensados:

- a) A geração que está começando a entrar no mercado de trabalho agora tem características muito próprias, únicas na história recente (pelo menos desde o início do século XX). Ela não tem os medos das gerações anteriores (epidemias, fomes, guerras mundiais ou extermínio por bombas nucleares), não se contrapõe em termos comportamentais, pelo menos de uma forma geral, à geração que a precede (*hippies*, *punks*, *yuppies* constroem suas identidades como negação da outra), pelo contrário, reforça ou complementa a geração anterior. Ao mesmo tempo, esta geração apresenta uma relação 'natural' com a tecnologia, 'bebendo' as novas formas de informação e comunicação com a mamadeira, em muitos casos vão ter contato com a tela digital antes do papel. Por um lado, é difícil para a velha geração manter uma relação de opressão, ou até mesmo de herói, quando os pais precisam da boa vontade dos filhos

para entender cada novidade tecnológica. Por outro lado, ninguém tem a mais mínima ideia de como será a geração que estará no poder daqui a 20 ou 25 anos. Mas ela, inevitavelmente, chegará ao poder. Acho que parcela significativa da definição da equação tecnologia e do papel social do trabalho depende dos valores que esta nova geração trará, e até que ponto vão se distanciar das práticas políticas atuais, ou não;

- b) Uma característica das novas tecnologias, não só com relação ao trabalho, mas à sociabilidade como um todo, é a integração (ou confusão) dos diferentes papéis sociais. A flexibilidade dos novos aparelhos permite mudar a natureza do seu uso (como lazer, comunicação, trabalho) sem nenhuma mudança de postura ou ambiente. Isto pode tanto aliviar a pressão no tempo de trabalho como invadir as atividades de lazer e a privacidade. Parece provável, também, que aqui a questão se transforme numa luta política e legal.

Quanto ao cotidiano do trabalho, características atuais como maior exigência de formação técnica, mais autonomia, aproximação dos níveis hierárquicos, decisões em tempo real e flexibilidade já vinham sendo apontadas pelos pesquisadores desde os anos 90. Talvez a questão mais surpreendente neste campo não seja tecnológica, mas cultural: a intolerância com as práticas de assédio moral, que sempre existiram e só agora se criminalizam.

4. A QV, enquanto objeto de pesquisa, tem tido dificuldade para se constituir como um campo de estudo diferenciado, com um referencial metodológico específico que consiga atrair uma massa crítica de pensadores dedicados a discutir temas específicos da área. Você concorda? Qual sua visão para esta questão?

Concordo com a observação, mas não me parece que seja algo específico da QV. Na realidade até áreas antigas de reflexão encontram dificuldades para manter um debate intenso entre diferentes escolas de pensamento. A própria questão da pós-modernidade, que num momento pareceu tornar-se uma questão central, acabou se tornando uma expressão de uso comum no campo científico.

Há dez anos qualquer um falava de QV. Hoje, para participar do debate é necessário um conhecimento básico mínimo, como os diferentes instrumentos de medição e suas limitações, a questão da subjetividade, as legislações específicas que tem impacto direto nela e as diferentes políticas públicas que estão sendo implementadas. Ou seja, para que uma pessoa hoje seja reconhecida como interlocutor legítimo no campo de reflexão sobre QV ela deve dispor de um conhecimento básico comum, que não é muito simples.

Neste sentido, a área está construindo sua identidade e definindo uma especificidade. Em minha opinião, o que a área precisa é readequar a forma de diálogo e definir melhor os interlocutores. Você comentou o fim dos fóruns da Unicamp. Acho que existe uma massa crítica muito interessante entre os quadros técnicos das secretarias municipais, setores da sociedade civil organizada (associações profissionais como, por exemplo, OAB, ABI, CRM, sindicatos, sistema 'S' entre outros) e quadros de ONGs que estão fortemente voltadas para a questão da QV.

A universidade poderia, por exemplo, ao invés de colocar intelectuais falando na mesa, fazer uma chamada para que estas pessoas sugerissem questões referentes à QV e, depois de sistematizá-las, passá-las para que professores e pesquisadores da área apresentassem suas posições, tanto na forma de palestras com temas mais fechados e pouca participação da plateia, como também em oficinas mais abertas aos debates, definidas apenas por um tema geral.

Trata-se de inverter um pouco a lógica da relação entre sociedade e universidade, e incentivar os quadros técnicos de políticos e organizações sociais, honestamente comprometidos com a melhoria da vida das pessoas em geral (quero crer que existem...). É preciso pensar melhor o formato, disponibilizar uma página do *facebook* ou um espaço no site da revista, talvez cobrar uma taxa diferenciada conforme a afiliação de cada participante, mas o importante seria aproximar esse

grupo que, apesar de ter a QV entre seus interesses, parece muito fragmentado e sem contato entre si e com a academia.

5. Em 2001, o senhor escreveu 'Lazer e prazer'. Em 2011, 'O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à globalização'. Gostaria que o senhor comentasse sobre a relação desses dois objetos, lazer e prazer, com a qualidade de vida da população na trajetória recente do país.

O lazer é um componente fundamental da QV de todas as pessoas. Algumas questões abordadas podem ser destacadas, por exemplo, a compreensão de que a obtenção de prazer na prática lúdica dá 'trabalho', isto é, esta satisfação depende de dedicação, envolvimento e disciplina.

Não se trata aqui de uma visão funcionalista do lazer como algo educativo, ou ainda de uma concepção que associa o prazer a uma dor prévia. Tomemos o caso de um torcedor de um esporte, ele investe uma grande quantidade de tempo e esforço para se manter atualizado com relação à prática e poder torcer e socializar-se através disto. O mesmo pode-se dizer de desfrutar de um livro, um filme ou uma música. A sociedade atual veicula uma concepção de lazer enquanto mercadoria disponível no mercado. Com dinheiro se compra lazer, o que não deixa de ser verdade. Mas tornar este conceito absoluto, desde a perspectiva do sujeito da ação social, é um equívoco e tem péssimas consequências.

Outro aspecto que podemos destacar é a importância relativa do lazer. É comum ouvir perguntar se é mais importante investir em saúde, ou educação, em contrapartida ao investimento em lazer. Esta é uma falsa questão que induz a uma falsa resposta. A melhoria no atendimento das diferentes demandas sociais caminha em conjunto, as sociedades com alto padrão de QV atendem todos seus aspectos e, no sentido contrário, aquelas com problemas apresentam deficiências em todos os aspectos.

Não se pode pensar numa sociedade saudável sem atenção médica, saneamento, habitação, educação, entre outros, e, óbvio, lazer. A discussão sobre QV ajuda a ilustrar essa realidade, estamos falando de um todo e não de partes segmentadas que podem ser resolvidas uma antes das outras.

Finalmente, cabe destacar uma questão que está mais presente no livro de 2011, a presença e importância das políticas públicas para o acesso às práticas de lazer e a melhoria da QV. Seja na época de Getúlio Vargas, no período militar ou nos dias atuais o Estado é um elemento central neste contexto. Daí a importância em refletir e compreender suas práticas, assim como interferir politicamente no processo.

Nesta mesma linha de raciocínio convém lembrar uma questão importantíssima, que poderia ter um enorme impacto nas práticas de lazer e na QV das pessoas, e que tem sido sistematicamente escamoteada da agenda atual de discussões: a redução legal da jornada de trabalho.

6. O senhor deseja acrescentar alguma questão que não tenha sido abordada nesta entrevista?

Não, agradeço a oportunidade de expor algumas das minhas ideias e a formulação inteligente das questões, que facilitou muito a elaboração das respostas. Obrigado.